



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE HISTÓRIA

MARIA DE FÁTIMA DE MOURA SANTANA

PRAÇA FÉLIX PACHECO: Memória, Lazer e Sociabilidade em Picos
(Década de 1990).

PICOS

2018

MARIA DE FÁTIMA DE MOURA SANTANA

PRAÇA FÉLIX PACHECO: Memória, Lazer e Sociabilidade em Picos.
(Década de 1990).

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí/ Campus Senador Helvídio Nunes de Barros.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

PICOS

2018

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S232p

Santana, Maria de Fátima de Moura

Praça Félix Pacheco: memória, lazer e sociabilidade em Picos (década de 1990). / Maria de Fátima de Moura Santana. – 2018.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (50f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História)- Universidade Federal do Piauí, Picos, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

1. Picos-PI. 2. Praça Félix Pacheco-História e Memória. 3. Sociabilidades. I. Título.

CDD 711.55

MARIA DE FÁTIMA DE MOURA SANTANA

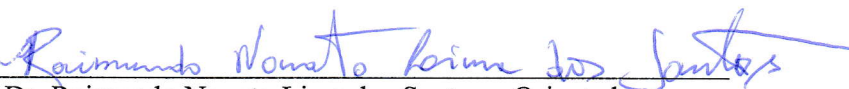
**PRAÇA FÉLIX PACHECO: Memória, Lazer e Sociabilidade em Picos
(Década de 1990).**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para
obtenção do diploma do Curso de
Licenciatura Plena em História da
Universidade Federal do Piauí/ Campus
Senador Helvídio Nunes de Barros.


Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato
Lima dos Santos.

Aprovado em 05 / 12 / 2018

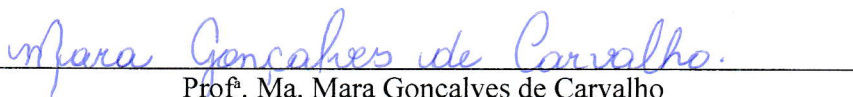
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos – Orientador
Universidade Federal do Piauí – UFPI



Prof. Ms. José Lins Duarte
Universidade Federal do Piauí – UFPI
Examinador Interno



Prof.ª Ma. Mara Gonçalves de Carvalho
Secretaria de Estado da Educação do Piauí – SEDUC-PI
Examinadora Externa

PICOS-PI

2018

Ao meu Deus, em que tenho fé, por ter me concedido amparo necessário para conclusão desse trabalho.

Ao meu esposo, pelo apoio, compreensão, amor e carinho a minhas filhas pelo gesto de amor, carinho e paciência.

Aos meus pais, pelas orações e eterna dedicação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, sem a sua direção e sem o seu agir eu não teria capacidade para estar concluindo esse trabalho, por se fazer presente em todos os momentos, por me ter dotado de saúde, sabedoria e disposição para alcançar mais uma vitória em minha vida.

Agradeço aos meus pais que com toda humildade e simplicidade ensinou-me a ser uma pessoa decente a respeitar e buscar meus objetivos de forma honesta ainda que seja com muito sacrifício, mas sem nunca passar por cima de ninguém.

Ao meu esposo Viana Júnior por estar ao meu lado todo esse tempo me dando força, apoio, confiança e por me compreender em todos os momentos.

Agradeço as minhas filhas Loysla Lara e Lorena Vitória por ser o motivo que me fez seguir em frente e nunca desistir.

Ao meu professor orientador Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos por fazer parte direta desse trabalho, pela paciência e dedicação, por acreditar em mim.

Agradeço a todos de uma forma direta ou indireta contribuíram para que mais um trabalho se realizasse confiando e acreditando que eu seria capaz.

RESUMO

O trabalho analisa as transformações da Praça Félix Pacheco, da cidade de Picos-PI, na década de 1990. O trabalho foi norteado por indagações no sentido de compreender os processos de ordem econômica, política e cultural que contribuíram para que a praça perdesse suas tradicionais funções como local primordial de encontro, de lazer, de contemplação e de sociabilidade. O estudo tem por base relatos orais de antigos frequentadores desse logradouro público. A análise dessas fontes orais seguiu as orientações de Alessandro Portelli (1997). O estudo apontou o fato de que ao longo da história da Praça Félix Pacheco as transformações sócio urbanas moldaram-na para que ela assumisse, principalmente, a função de um lugar de passagem, devido em especial pela mudança de comportamento por parte da sociedade picoense.

Palavras-Chave: Picos-PI. Praça Félix Pacheco. História e Memória. Sociabilidades.

ABSTRATC

The paper analyzes the transformations of Félix Pacheco Square, in the city of Picos - PI, in the 1990s. The work was guided by inquiries in order to understand the economic, political and cultural processes that contributed to the loss of the traditional square functions as the primary place of encounter, leisure, contemplation and sociability. The study is based on oral reports of former patrons of this public place. The analysis of these oral sources followed the guidelines of Alessandro Portelli (1997). The study pointed to the fact that throughout the history of the Plaza Félix Pacheco the urban social transformations shaped it so that it assumed, mainly, the function of a place of passage, due in particular by the change of behavior on the part of the picoense society.

Keywords: Picos-PI. Praça Félix Pacheco. History and Memory. Sociabilities.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Municípios maiores produtores de mel.....	21
Figura 2: Praça Félix Pacheco da cidade de Picos, na década de 1940.....	24
Figura 3: Vista panorâmica da Praça Félix Pacheco década 1970.....	25
Figura 4: Praça Félix Pacheco, no Centro de Picos (década de 1980).....	30
Figura 5: Antigo coreto da Praça Félix Pacheco na década de 1950.....	42
Figura 6: Momento em que os alunos do Instituto Padre Anchieta plantam a árvore (Pé de Oiticica) na Praça Félix Pacheco no ano de 1962.	42
Figura 7: Pé de Oiticica na Praça Felix Pacheco 2018.....	42
Figura 8: 4º Edição da Feira do Livro Espirita na Praça Felix Pacheco no ano de 1993.	44
Figura 9: 10ª Edição da Feira do Livro Espirita na Praça Felix Pacheco no ano de 1999.	44
Figura 10: Praça Félix Pacheco, na década de 1970.	45
Figura 11: Praça Félix Pacheco, na década de 1990.	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: A CIDADE DE PICOS E A PRAÇA FÉLIX PACHECO: SOCIABILIDADES E PRÁTICAS DE LAZER URBANO.....	19
1.1. A CIDADE DE PICOS.	19
1.2. A PRAÇA FÉLIX PACHECO ANTES DE 1990.....	23
CAPÍTULO 2: A PRAÇA FÉLIX PACHECO NOS ANOS 1990	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICE	51

INTRODUÇÃO

O estudo das praças é valoroso para identificar como se desenvolve a dinâmica econômica, política e social nas cidades, as relações de uso e conflito dos espaços públicos e também sua expressão como importante símbolo no contexto urbano, como aponta o geógrafo Milton Santos: “o espaço uno e múltiplo, por suas diversas parcelas, e através do seu uso, é um conjunto de mercadorias, cujo valor individual é função do valor que a sociedade, em um dado momento, atribui a cada pedaço de matéria, isto é, cada fração da paisagem.” (SANTOS, 1997, apud YOKOO, 2009, p.2).

Os espaços públicos, como praças, ruas e parques, representam os espaços urbanos de usos coletivos destinados as mais diversas atividades sociais. São locais frequentados de maneira diferente por seus usuários que deles fazem usos de acordo com suas necessidades dentro da cidade. De acordo com Bruno Luiz Domingues Angelis et al (2005 p.2 apud. YOKOO 2009, p. 2) “as praças são locais onde as pessoas se reúnem para fins comerciais, políticos, sociais ou religiosos, ou ainda, onde se desenvolvem atividades entretenimento.”.

O uso de praças, no Brasil, é remetido culturalmente ao passado onde pessoas faziam da mesma extensão de suas casas, ali encontravam vizinhos, amigos e parentes, com isso aumentavam o seu espaço de convivência e a vida passou a se desenrolar nas ruas, nas calçadas e nas praças. Desse modo, as praças são adaptadas ou alteradas conforme a época, ou seja, de acordo com a cultura vigente que por sua vez é responsável por afetar as atividades humanas no que se trata da utilização desses espaços públicos. No Brasil até os anos de 1980 as praças ocuparam posições de destaque no que se refere a lazer e sociabilidade das cidades e repassavam uma imagem de tranquilidade, era palco de inusitadas histórias, cenário de vários acontecimentos.

Com certeza, o estudo das praças públicas e dos acontecimentos a que estão incluídas na história da cidade, remete-nos a algumas dúvidas, se a modernização atuou diretamente na cultura da sociedade ou se a modernização atuou gradualmente na transformação do espaço, ou em ambas. Com base nos estudos de Mara Gonçalves de Carvalho (2015) e Priscila Moura Ribeiro (2014) podemos afirmar que a cidade de Picos (PI), em especial nas décadas de 1960, 1970 e 1980, apresentava alguns espaços de lazer que representavam, além de ambientes de diversão, locais de sociabilidades. No referido município, uma importante praça foi cenário de inúmeras transformações socioculturais e históricas, a Praça Felix Pacheco, que se caracterizava por ser uma praça pública, onde foi inaugurada no dia 10 de janeiro de 1942, na

gestão do então prefeito Adalberto de Moura Santos¹, mais conhecido como Bertinho Santos. Localizada no centro da cidade, serviu como ponto de encontro dos cidadãos, uma vez que seu espaço era bastante acolhedor e seu entorno servia como atrativo, devido à existência de edificações voltadas para o lazer e entretenimento.

Nesse sentido, entende-se que durante as décadas de 1960-1980 a praça pode ser compreendida como um espaço de lazer e diversão para a sociedade picoense, cujas sociabilidades tidas nesse local, trouxeram contribuições para mudanças no cotidiano da juventude picoense da época, pois trouxe novas formas de contatos e entretenimento cultural, e dinâmicas nas relações intersubjetivas.

Traçando a nossa análise para a década de 1960, a Praça Félix Pacheco havia se tornado o ponto de encontro de pessoas de diversas idades, inclusive dos jovens, pois ficavam localizadas próximas a bares, restaurantes, sorveterias, à Igreja Nossa Senhora dos Remédios e ao cinema Cine Spark. Como diz Haroldo Leitão Camargo (2002) sobre a importância simbólica das praças:

Nesses espaços o mais importante é o caráter emocional da relação pessoa/espaço. São praças é pelo uso que a apropriação acontece, ou seja, através da utilização do espaço que as pessoas acabam fazendo com que a praça se torne um lugar importante para o convívio social. (CAMARGO, 2002, p. 23).

Tendo em vista o fragmento acima, compreende-se que é direito de todo cidadão o acesso à cultura e lazer, pois são instrumentos fundamentais na formação social de um indivíduo perante a sociedade em que vive. Tal formação social vai além de uma simples relação social, pois ela envolve a convivência com edificações, espaços públicos, dentre outros. Esta convivência cultural somando-se a relação social entre indivíduos e toda estrutura da paisagem que envolve a comunidade, torna-se um fator determinante na formação sociocultural dessas comunidades, sobretudo, os valores subjetivos que a população tem, isto é, da forma que cada um se vê enquanto ser participante daquele local.

Dessa maneira, os espaços públicos passam por inúmeras alterações conforme a época, o local e a cultura vigente. Esta última afeta as atividades humanas no que se diz respeito à utilização de tais espaços. Como todo espaço público, as praças têm uma importância social e cultural significativa, porém diferenciam-se dos demais quando servem como local de lazer. Levando em consideração esses aspectos, o seguinte trabalho tem por objetivo analisar as

¹ Adalberto de Moura Santos, prefeito da cidade de Picos Piauí, período 1938 a 1945.

práticas de sociabilidades desenvolvidas na Praça Felix Pacheco, da cidade de Picos-PI, a partir das memórias de seus antigos frequentadores, durante a década de 1990.

Nessa perspectiva, entende-se que este trabalho é primordial para a análise das memórias ali vividas, assim, poderemos observar os benefícios da qualidade de vida, do enriquecimento da cultura local, da sua preservação e valorização desta área, que costumam ter importância vital para a dinâmica das cidades. A escolha desta praça para estudo se deve a mesma está presente no desenho da cidade de Picos-PI há várias décadas e por ter sido usufruída de diversas maneiras no decorrer dos anos, assumindo diferentes vocações conforme as épocas. Corroborando com as afirmativas, Ana Rita Sá Carneiro e Liana de Barros Mesquita (2000) apontam que as praças “são espaços livres públicos, com função de convívio social, inseridos na malha urbana como elemento organizador da circulação”, ou seja, as praças se estabelecem enquanto espaços que são propícios para o desenvolvimento de sociabilidades e construção de memórias.

Diversos caminhos trouxeram a essa temática, um dos que me levou a esse objeto de pesquisa, foi ainda no primeiro período do curso, juntamente com umas colegas de sala, fazer um trabalho de pesquisa sobre duas praças em Picos, foi a partir daí que me despertou o interesse em trabalhar algo relacionado. Ao ler Michel de Certeau (2008), onde ele fala sobre lugar e espaço, percebi a importância desses em nossas vidas. Outro motivo foram os relatos que sempre ouvi de familiares sobre as suas juventudes em torno dessa Praça. Nesse sentido, é perceptível, quando converso sobre o assunto, o brilho nos olhos de quem relata sobre os passeios que faziam nas praças aos domingos depois da missa, ou seja, a Praça Felix Pacheco é um objeto de pesquisa com raiz cultural bastante forte para a população picoense, e é seguindo esse direcionamento, que adentraremos nesse campo de estudo. Esse conhecimento empírico foi somado ao momento em que cursamos a disciplina *Cidades e História* – do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, ministrada pelo professor Raimundo Nonato Lima dos Santos no período 2018.1, que nos proporcionou ver as cidades sobre diversos aspectos, que nos permitiu compreender a necessidade emergente de conhecermos o local onde vivemos e reproduzimos nossas práticas cotidianas. Através de trabalhos de alguns alunos do curso de graduação da UFPI percebemos que essa Praça vem sendo estudada sistematicamente desde sua construção em meados dos anos 1940 até a década de 1980 e a partir dos anos 2000 com isso observa-se a existência de uma lacuna sobre estudos da praça nos anos 1990. E o motivo mais relevante foi na disciplina de *Cidades e História* ao ler diversos autores que tratam o tema memória que me levou a pesquisar sobre essa temática.

Tendo pontuado essas afirmações, o presente trabalho então se justifica e torna-se de grande valor por ser um estudo que analisa as memórias no século XX, e traz à tona as modificações sofridas no final desse mesmo século, sendo estendidas no século XXI. Outro motivo da escolha de trabalhar com essa temática, se dá por percebermos que a cidade de Picos vem sofrendo um acelerado crescimento ocupacional e demográfico que pouco preserva a história e a memória de seu povo. Podemos observar que, ao longo dos anos, essas mudanças vêm ocorrendo, principalmente ao redor da Praça Félix Pacheco. Com isso, pensamos ser interessante falar sobre as memórias que retratam as sociabilidades nesse espaço, como também, pensar as como essas dinâmicas de interação passaram a ser reinventadas ao logo do tempo.

Outro fato contribuinte para essa escolha foi devido as grandes transformações de usabilidade que atingem as praças, até áreas que modelavam a sua composição, como antigas construções residenciais que estão sendo vendidas e demolidas para a construção de prédios comerciais das mais variadas espécies. Nessa perspectiva, e através do método/técnica da história oral, buscaremos fazer uma construção do passado por meio das lembranças, relatos e experiências vivenciadas pelos entrevistados, o presente trabalho busca abordar a importância desse patrimônio público na memória das pessoas que frequentavam a Praça.

Dessa forma, o espaço urbano constitui um artefato social ininterrupto de transformação e sua análise torna-se indispensável para um melhor entendimento sobre o uso que o homem faz do mesmo, e das transformações sucedidas naquele espaço, ao longo de sua história. Assim, este presente trabalho tem como justificativa entender quais os motivos que vieram contribuir na transformação do uso da praça em estudo e preencher uma lacuna existente nos trabalhos anteriores que retratam ou descrevem a Praça Félix Pacheco até os meados da década de 1990.

Alguns fatores são apontados para justificar a perda de funções tradicionais, do fragmento urbano em análise. Além das alterações sofridas ao seu redor como a mudança de área residencial para comercial, onde as residências foram direcionadas para outras áreas da cidade principalmente a partir da década de 1970 onde atividades, como o lazer, entre outras, passaram a se concentrar nessas áreas. Essas alterações, ao longo de décadas, trouxeram novos meios e funções para sua utilização.

Conforme defendido por Ana Fani Alessandri Carlos (2001, p. 45), no caso dos lugares, as transformações sofridas produzem uma nova atividade, com isso perdem as marcas da sociabilidade, como podemos observar no fragmento a seguir.

Os lugares transformados da cidade produzem uma nova dinâmica, as ruas redimensionam-se e ganham outro conteúdo que tende a eliminar o lúdico, transformando-se em lugar de passagem. O processo de reprodução do espaço urbano vai se constituindo eliminando antigas formas que traziam a marca da sociabilidade, pontos de encontro, o lugar da festa, tragando os rituais e seus mistérios, eliminando referências, com isso destruindo as bases de apoio da memória social. (CARLOS, 2001, p. 45).

Nos anos 1990 havia ela perdido quase que totalmente a função a qual se destinava, ou seja, de local do passeio, do encontro e da sociabilidade picoense. Na década de 1990 a praça era caracterizada como um local de abandono e caótico, devido ao movimento frenético dos transeuntes e vendedores ambulantes. Perdendo-se no tempo a beleza das antigas praças e a funcionalidade que as mesmas proporcionavam. No centro da cidade, ela passou a ser lugar de passagem de pedestres, de circulação do comércio ambulante, assim como ponto de encontro, trabalho, serviços, diversão. Onde esse núcleo central tem como característica a concentração da atividade comercial.

Procurou-se analisar a Praça Félix Pacheco, centrando o estudo na década de 1990 e, para tanto, foi de extrema relevância tomar-se conhecimento das transformações que ocorreram nesse logradouro ao longo de sua história. E, mais ainda, identificar os usos e funções dos mesmos nas décadas passadas, verificando como, ao passar dos anos, as reformas realizadas nas gestões municipais contribuíram para a perda identitária desse jardim público, bem como perceber as novas funcionalidades do mesmo.

Todo trabalho de conclusão se inicia com uma pergunta ou várias. Este se inicia com tantas possíveis. Incertezas que foram acumuladas ao decorrer dos anos dedicados à graduação, observações e questionamentos acerca do tema, mas foi através da leitura de diversos autores na disciplina *Cidades e História*, que discutem sobre as práticas de utilização dos espaços públicos pelos indivíduos usuais que vimos o interesse em compreendermos a relação entre o espaço público e sua comunidade, a influência de um sobre o outro no decorrer dos anos.

O conceito de logradouro público foi apurado a partir de alguns trabalhos, a saber: “Praças do Interior Paulista: Estudo de casos nas cidades de Ribeirão Preto e Monte Alto/SP”, PUC-Campinas, 2006, desenvolvido por Joselle Davanço Dizeró que pretende discutir a relação das praças em situações concretas do território, diante de suas diferentes racionalidades, globais e locais, sistêmicas e cotidianas, visando o maior entendimento das realidades dos logradouros públicos na contemporaneidade; “Praças Públicas: Origem, Conceitos e Funções”, desenvolvidos por Verônica Crestani e Luiz Carlos Barbosa Filho, ULBRA Santa Maria-RS, 2009, que descrevem a importância do mesmo como “espaço

comum de sociabilidade e lazer”, “Praticando espaços, entre acordes, letras e máscaras: História, memória e sociabilidades em espaços culturais de Teresina nas décadas de 1980 e 1990”, tese produzida por Raimundo Nonato Lima Dos Santos, Universidade Federal de Pernambuco, CFCH, 2016, que tem como objeto de estudo as sociabilidades e sensibilidades urbanas em espaços culturais da cidade de Teresina-PI.

O estudo da Praça Félix Pacheco localizada no bairro centro da cidade, fundamenta-se em alguns conceitos básicos indispensáveis no entendimento da análise. Buscou-se trabalhar o conceito de praça pública como espaço de lazer e sociabilidade. Por isso, o estudo desse jardim público foi apoiado através da pesquisa bibliográfica referente ao tema em questão, constando em jornais, revistas, livros, pesquisa na internet, monografias, teses, entre outros. Além disso, fizemos uso das reflexões de Raquel Rolnik (1995) sobre a ideia de cidade como *ímã*; de Michel de Certeau (2008) sobre as práticas de espaço realizadas pelos sujeitos ordinários que produzem relações históricas, identitárias e afetivas; de Ana Fani Carlos (2007) sobre os diferentes usos das ruas que se constituem como elemento síntese do espaço urbano; de Marc Augé (2012) sobre a ideia de “*não lugares*”, onde as relações são efêmeras, não se produzindo vínculos histórico-identitários; de Roberto Lobato Corrêa (2000) sobre a fragmentação e articulação de espaços; Sandra Jatahy Pesavento (2007) sobre a ideia de que cidade é constituída não apenas pela materialidade, mas também de sensibilidade e de sociabilidade e Micheal Pollak (1989; 1992), para as questões de memória. Essa sondagem de informações concedeu um aperfeiçoamento do referencial teórico e das categorias de análise que foram desenvolvidas no trabalho de conclusão do curso Licenciatura Plena em História.

Realizou-se um estudo exploratório, constando de visitas à área, objeto de estudo, com a finalidade de observar o local, identificar os diferentes atores sociais. Assim, as visitas foram desenvolvidas no período compreendido entre outubro 2017 e maio 2018. Aliadas às observações de campo, as entrevistas semiestruturadas, articulando-as com os problemas que motivaram o trabalho, e aplicadas a alguns atores sociais que se encaixaram a alguns critérios preestabelecidos (se frequentava a Praça Felix Pacheco na cidade de Picos no período da década de 1990), tais entrevistas foram de extrema relevância na análise e identificação das transformações que a Praça Félix Pacheco sofreu durante o período em estudo.

A elaboração dos nossos questionários teve como base o pensamento da professora Sônia Maria de Freitas (2002, p. 91): “[...] uma entrevista sem roteiro e direção tende a ser subjetiva e sem dados realmente fundamentais para a pesquisa”. No entanto, é importante enfatizar que ao desenvolver essas entrevistas, alguns aspectos são necessários ressaltar, para Alessandro Portelli (1997), a história oral é encarada como instrumento para fornecer

informações sobre o passado, o que lhe interessa é a subjetividade dos narrados. Assim, ainda de acordo com Alessandro Portelli, o respeito pelo valor e a importância que cada indivíduo tem se configura como uma das principais lições de ética sobre a pesquisa na História Oral. Onde cada indivíduo é em potencial um arcabouço de informação, e deve ser visto como únicos nas suas narrativas.

A escolha dos entrevistados norteia-se na metodologia de Lucília de Almeida Neves Delgado (2004, p. 286 apud SANTOS, 2016, p.25), que afirma que “[...] pessoas chaves são nucleares e servem como referência para a seleção dos demais entrevistados”. Para esse trabalho, colhemos seis entrevistas de pessoas que residem na cidade de Picos, Douglas Moura Nunes², José Gonçalves Ribeiro³, Maria Luzinete da Silva Santos⁴, Rita Maria de Souza Viana⁵, Pedro Alves da Luz⁶ e José Coelho Viana Júnior⁷. As entrevistas foram desenvolvidas através de indagações se os mesmos teriam frequentado a Praça Félix Pacheco durante a década em estudo e, como utilizavam esse espaço público.

Esperamos por intermédio das entrevistas identificar uma minúcia da cidade que reside em cada um dos questionados e quais os vestígios que ficaram na memória dessas pessoas ao decorrer dos anos, apesar de termos a percepção que esses resquícios foram se desarranjando com o tempo e com o contexto que os indivíduos estão introduzidos.

Dessa forma, pretendemos apresentar a pesquisa a partir da hipótese, que tudo é história, sem priorizar grandes acontecimentos, grandes fatos, grandes heróis. Buscamos na espontaneidade, na particularidade dos indivíduos que viveram na década em estudo e em materiais diversos como: documentos, jornais e fotografias conhecer e ver a cidade que habita em cada um desses sujeitos.

² Nunes, Douglas. Nasceu no dia 05 de junho de 1951. Escritor, poeta, roteirista e diretor de filmes. Entrevista cedida a Maria de Fátima de Moura Santana, Picos maio de 2018.

³ RIBEIRO, José Gonçalves (Ribeiro). Nasceu em 03 de abril de 1949 na cidade de Picos-PI. Tem o ensino Médio completo e o curso técnico em contabilidade. Trabalha como jornalista há 40 anos na Praça Felix Pacheco desde 15 de julho de 1977. É proprietário de uma banca de Jornal bem conhecida na cidade de Picos. (Banca do Ribeiro). Depoimento concedido a Maria de Fátima de Moura Santana. Picos-PI, outubro. 2017.

⁴ SANTOS, Maria Luzinete da Silva 44 anos. Funcionária pública. Na década de 90 trabalhava uma relojoaria na Praça Felix Pacheco. Entrevista cedida a Maria de Fátima de Moura Santana, Picos Abril de 2018.

⁵ VIANA, Rita Maria de Souza. Nasceu na cidade de Pio IX-PI em 16 de outubro de 1957, aos sete anos de idade veio morar na cidade de Picos-PI onde vive até hoje, se formou no curso de letras da Universidade Estadual de Piauí- UESPI. Iniciou sua carreira como professora no ano de 1986, atuando por quase trinta anos na escola Senador Nilo Coelho (SESI). Funcionária pública aposentada e hoje continua atuando na área da educação. Depoimento concedido a Maria de Fátima de Moura Santana. Picos-PI, dezembro. 2017.

⁶ LUZ, Pedro Alves da. Nasceu em 12 de março 1961. Policial Militar aposentado. Depoimento concedido a Maria de Fátima de Moura Santana. Picos-PI, setembro. 2018.

⁷ JÚNIOR, José Coelho Viana. Nasceu em 20 de fevereiro de 1981. Analista de Sistemas. Depoimento concedido a Maria de Fátima de Moura Santana. Picos-PI, outubro. 2018.

O trabalho está dividido em duas partes. No primeiro capítulo que tem por título **“A CIDADE DE PICOS E A PRAÇA FÉLIX PACHECO: SOCIABILIDADES E PRÁTICAS DE LAZER URBANO”** Inicialmente abordámos a formação da cidade de Picos e posteriormente discutimos sobre a construção da Praça Félix Pacheco. Através de referenciais sobre a Praça que nos auxiliaram a discutir o seu processo constante de transformações e seus usos como forma de lazer e sociabilidade para a população picoense entre as décadas de 1960 a 1980.

Já no segundo capítulo que tem por título **“A PRAÇA FÉLIX PACHECO NOS ANOS 1990”**. Tem por finalidade apresentar e discutir esse espaço público durante a década de 1990, as transformações sofridas pela mesma tanto em seu espaço físico como em seu entorno e as novas formas de utilização da Praça pela população da cidade de Picos. Através do método/técnica da história oral, em que buscamos fazer uma construção/análise do passado por meio das lembranças, relatos e experiências vivenciadas pelos entrevistados que frequentavam a Praça Félix Pacheco durante o recorte temporal estudado.

CAPÍTULO 1: A CIDADE DE PICOS E A PRAÇA FÉLIX PACHECO: SOCIABILIDADES E PRÁTICAS DE LAZER URBANO.

No presente capítulo inicialmente faremos uma abordagem sobre a cidade de Picos a qual o objeto de estudo está inserido para posteriormente discutirmos a construção da Praça Félix Pacheco. Abordamos a importância dessa praça para os habitantes da referida cidade. Tanto como uma tentativa de deixar a cidade de Picos com características mais urbanas e como um local de lazer para a sociedade picoense, principalmente para os jovens, onde os mesmos praticavam suas sociabilidades resultando em lugares de memória. Depois abordaremos as transformações sofridas por esse espaço de sociabilidade ao decorrer dos anos.

A cidade de Picos.

Antes de tudo é necessário enfatizar que, significativamente, as cidades provocam múltiplas emoções em seus cidadãos. Assim, morar na cidade, carregar consigo um costume, um hábito urbano, possibilita que se expresse o viver nessa urbe, na sua totalidade ou em fragmentos, pelos discursos, signos ou narrativas. Nas palavras de Sandra Pesavento (2007, p. 11) “às cidades reais, concretas, visuais, tácteis, consumidas e usadas no dia-a-dia, correspondem a outras tantas cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do homem”, resultado este que não deixa de reconstituir, pelo conhecimento e pelo desempenho, gerando diversas outras cidades através dos tempos. Cabe mais uma vez ressaltar as considerações de Sandra Pesavento:

Cidades sonhadas, desejadas, temidas, odiadas; cidades inalcançáveis ou terrivelmente reais, mas que possuem essa força do imaginário de qualificar o mundo. Tais representações foram e são capazes de até mesmo se imporem como as ‘verdadeiras’, as ‘reais’, as ‘concretas’ cidades em que vivemos. Afinal, o que chamamos de ‘mundo real’ é aquele trazido por nossos sentidos, os quais nos permitem compreender a realidade e enxergá-la desta ou daquela forma. Pois o imaginário é esse motor de ação do homem ao longo de sua existência, é esse agente de atribuição de significados à realidade, é o elemento responsável pelas criações humanas, resultem elas em obras exequíveis e concretas ou se atenham à esfera do pensamento ou às utopias que não realizaram, mas que um dia foram concebidas. (PESAVENTO, 2007, p. 11).

A cidade é obra da elaboração de representações e narrativas que se posicionam no âmbito material e social e os configuram. Desse modo, a cidade é um acontecimento que se mostra pela apreensão de sentimentos e sensações que se deu pelo vivenciar das pessoas ou

simplesmente “cidades sonhadas, desejadas, temidas, odiadas; cidades inalcançáveis ou terrivelmente reais, mas que possuem essa força do imaginário de qualificar o mundo” (PESAVENTO, 2007, p. 11). É, essencialmente, essa extensão do sentimento que concerne reconquistar para as finalidades da necessidade de uma história cultural da cidade, o que se refere procurar traçar essa cidade como decorrência da compreensão, como uma urbe receptível e imaginada, cidades que são hábeis de se mostrarem com mais veracidade à concepção de seus moradores e transeuntes.

Picos é uma cidade jovem que tem como principal característica social a mistura étnica, pois sua população é formada por pessoas das mais variadas regiões do país. “Geograficamente é cortada pelo rio Guaribas, localiza-se a uma latitude 07°04’37 sul e a uma longitude 41°28’01” oeste, localizada na região centro-sul do Piauí, fundada, de acordo com a teoria mais difundida, em 12 de dezembro de 1890, pela resolução nº 33, teve sua origem ligada principalmente à pecuária de gado. Ainda no tocante ao aspecto físico, tem clima quente, com vegetação de transição entre o cerrado e caatinga. Segundo o site The Cities⁸, a cidade de Picos possui esse nome, por esta localizada entre morros. Nos anos de 1980 a população residente na cidade de Picos foi estimada em 71.018, já em 1990 foi de 77.077 de acordo com informações retiradas do site TabNet\ DATASUS⁹.

A cidade de Picos é conhecida como Cidade Modelo título recebido pelo órgão INDA (Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário) em meados dos anos 1966, devido aos seus solos férteis que tornaram a cidade em um dos principais centros agrícolas do seu estado na época e posteriormente denominada Capital do Mel por ser a terceira maior produtora do país, como mostra a imagem (1) a seguir.

⁸ The Cities. Conheça tudo sobre as cidades do Brasil.

Disponível em: <<https://www.thecities.com.br/Brasil/Piau%C3%AD/Picos/>> Acesso em 05 de outubro de 2018.

⁹ DATASUS tecnologia da informação a Serviço do SUS.

Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?ibge/cnv/poppi.def>> Acesso em 06 de outubro de 2018.

Lugar	Cidade	UF	Quantidade em Toneladas	Participação nacional
1º.	Araripina	PE	780	1,9%
2º.	Limoeiro do Norte	CE	480	1,2%
3º.	Picos	PI	443	1,1%
4º.	Ribeira do Pombal	BA	430	1,0%
5º.	Santana do Cariri	CE	421	1,0%
6º.	Bom Retiro	SC	405	1,0%
7º.	Itamarandiba	MG	380	0,9%
8º.	Apodi	RN	365	0,9%
9º.	Campo Grande do Piauí	PI	365	0,8%
10º.	Prudentópolis	PR	323	0,8%

Figura 1: Municípios maiores produtores de mel.

Fonte: <http://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/0WzA/Primeiro_Banco_Comunitario_Do_Pais>

De acordo com o portal da Família Luz, a origem do município de Picos deu-se como a maioria das cidades piauienses mais conhecidas, através da atividade econômica que era a mais desenvolvida neste território, a pecuária como foi frisado anteriormente. No Século XVIII, o português Félix Borges Leal, vindo da Bahia, instalou no local a Fazenda Curralinho, iniciando o núcleo populacional que deu origem à cidade de Picos, às margens do rio Guaribas, região considerada excelente para agricultura e criação de gado, acrescentando-se as boas condições do solo atraíram compradores de Pernambuco e Bahia, que ali realizavam bons negócios. Muitos deles acabaram por fixar residência no local, contribuindo para o crescimento do aglomerado urbano, logo foi edificada a primeira capela em 1828, por iniciativa dos descendentes de Borges Leal, inicialmente com o nome de São José e, mais tarde, de Coração de Jesus, como podemos observar nos trechos abaixo.

[...] Félix Borges Leal chegou à região de Picos-PI e se apossou de grandes Áreas de terras, fundando ali uma de suas mais importantes fazendas, Denominada “Fazenda

Currallinho”, situada em férteis várzeas, propícias para A agricultura e pecuária, onde hoje é localizada a cidade de Picos, às Margens do Rio Guaribas e cercada por montes Piscosos [...].

Depois vieram outros Borges Leal, que se juntaram aos onze filhos do Desbravador Félix Borges Leal e foram povoando o núcleo que hoje compreende o município de Picos. Em virtude de suas terras férteis, oferecendo boas condições para todo o gênero de criação e plantação, outras pessoas também foram atraídas, especialmente de Pernambuco e da Bahia, tais como negociadores, que ali realizavam bons negócios de compra e venda, inclusive de cavalos. Muitos deles acabaram por fixar residência no local, contribuindo para o crescimento do aglomerado urbano e consequente Incremento das atividades econômicas na região. (LUZ, 2018)

Diante de seu acelerado desenvolvimento o povoado é elevado à categoria de freguesia, sob a invocação de Nossa Senhora dos Remédios, em 1851, e o seu território desmembrado de Oeiras. O progresso continuou sendo a freguesia elevada à categoria de vila, em 1855. Cinco anos depois, ganhava categoria de cidade. A partir dessa elevação de categoria, segundo Mara Gonçalves Carvalho (2015, p.37) podemos perceber que Picos cresceu de forma significativa, principalmente em torno da Igreja Coração de Jesus, por meio da criação da rua velha, mas foi entre o final da década de 1960 e a década de 1970 que Picos sofre inúmeras transformações que se sucede até os dias atuais, durante esse contexto de desenvolvimento, tanto estruturais quanto de costumes, que a cidade vai começar a ganhar aspectos urbanos de fato.

Nessa perspectiva de desenvolvimento é que iremos discutir mais à frente dentro do recorte temporal do trabalho as transformações sofridas pela Praça Félix Pacheco, tanto alterações estruturais como de sua utilização como meio de lazer e sociabilidade. Já que era em seu entorno que estavam a maioria dos estabelecimentos, como descrito por Mara Gonçalves Carvalho, no texto abaixo:

Todos esses estabelecimentos assim como o paredão constituído de várias casas de italianos e com arquitetura bastante peculiar, contribuíam para transformar a praça num dos locais mais bonitos e agitados da cidade.

Local de divertimento para jovens, velhos, crianças, homens, mulheres, ricos e pobres, a Praça Félix Pacheco pode ser considerada como um local privilegiado de sociabilidade dos mais variados grupos.

Movimentada principalmente durante a tarde e a noite, a praça se apresentava como local de lazer e divertimento para um grande e diversificado número de pessoas. O cotidiano da cidade podia ser observado de forma bastante peculiar através do movimento de pessoas na praça. As crianças principalmente os meninos utilizavam esse espaço para brincar de diversas brincadeiras. A praça funcionava como um amplo parque infantil.

O coreto, o poço, os tanques, os pés de figuinho-anão e o paredão formavam um local perfeito para as brincadeiras de coito e do trisca, esse grupo formado basicamente por crianças de várias idades utilizava a praça geralmente no horário matutino ou no cair da noite e geralmente eram observados pelos pais.

Já os mais velhos utilizavam esse espaço como local para reunir os amigos e jogar conversa fora, muitas vezes também aproveitavam o espaço para jogar dominó, baralho dama ou algum jogo desse tipo. (CARVALHO, 2015, p. 74).

Desta forma, esse jardim adquiriu a função de local para diversão em família, pois como podemos perceber no texto acima, era nesse logradouro que se localizavam a maioria dos locais que eram utilizados por seus frequentadores como local de lazer e sociabilidade.

1.2. A Praça Félix Pacheco antes de 1990.

A Praça Félix Pacheco é um logradouro público inaugurado em 10 de janeiro de 1942 sob administração do prefeito Adalberto de Moura Santos (1938-1945), conhecido como o Bertinho Santos. Na década de 1940 a Praça Félix Pacheco era o único jardim público da cidade que conseguiu se ajustar as funções da área comercial e residencial, além de ser local de lazer para público de variados gostos, idade e condições sociais. Localizada no centro da cidade, havia em seu entorno área residencial e comercial. Sua área era maior que o atual e continha todos os elementos tradicionais de uma praça: coreto, poço artesiano, tanques, arborização de portes diversos, canteiros, gramado e bancos (DUARTE, 1995, p. 35). “Havia sempre movimentação na praça nos fins de tarde e a noite. Nas manhãs de domingo o movimento crescia, mas era nas noites dos sábados e dos domingos que a praça se enchia de gente e de cores” (DUARTE, 1995, p. 36).

A imagem a seguir mostra a Praça Felix Pacheco nos referidos anos 1940, podendo-se observar seu aspecto de jardim e seus arredores pontos comerciais e residenciais que havia nesse período.



Figura 2: Praça Félix Pacheco da cidade de Picos, na década de 1940.

Fonte: Acervo e memória picoense. In: https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/photos_stream
Acesso em 06/04/2018.

Mais à frente, já nos anos 1950 o interior da praça contava com a instalação, bem ao centro, do coreto, anos mais tarde retirado para, no lugar, construir um barzinho, conhecido pelo nome de Abrigo. Nos anos 1960, a juventude gostava de frequentar o Abrigo e tinha o hábito de subir para o salão e ficar observando o movimento na praça, mesmo nos dias em que não havia festa, pois, a praça era um espaço permanentemente agitado. Nessa perspectiva, nos apropriaremos das pontuações de Renato Duarte (1991) no que concerne a sua produção historiográfica sobre a praça, que ao descrever sobre o centro de Picos durante a década de 1950, afirma que esse era composto da seguinte forma “O centro da cidade era formado pela Praça Félix Pacheco – que tinha, então, a tripla função de área de lazer, de centro comercial e de área residencial [...]”.

Com a análise das imagens abaixo podemos observar algumas transformações sofridas pela Praça Félix Pacheco entre as décadas de 1940 a 1970.



Figura 3: Vista panorâmica da Praça Félix Pacheco década 1970.

Fonte: Acervo e memória picoense. In: https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/photos_stream
Acesso em 08/04/2018

Através da imagem podemos observar as transformações sofridas pela Praça Félix Pacheco, com a modificação quase que total do seu espaço e ao seu entorno. Nessa perspectiva podemos verificar de forma mais nítida as mudanças ocorridas, como o aumento de construções aos arredores da Praça e a modificação quase que total do seu espaço. Trazendo um aspecto urbanístico para a cidade de Picos, pois por muito tempo esse logradouro público foi utilizado como local para a prática social e lazer dos cidadãos da pequena cidade que se mostrava cada vez mais apta para o processo de urbanização.

Nos anos 1970 a praça em estudo já havia passado por grandes alterações físicas em seus arredores, como por exemplo, a edificação da sede do Banco do Brasil, que fez surgir no centro alguns edifícios, deixando de lado a arquitetura baseada apenas em casas térreo. Dessa forma podemos concluir que as variações sofridas por esse lugar fazem com que se confirme o que diz Michel de Certeau, ao afirmar que as transformações dos espaços “são passagens sobre múltiplas fronteiras que separam as épocas, os grupos e as práticas” (CERTEAU, 2008, p. 194).

Segundo a historiadora Priscila Ribeiro (2014), percebemos que o indivíduo em meio à sociedade sente a necessidade de estar junto do outro, através de suas práticas cotidianas,

mantendo laços afetivos ou não, no qual contribui para o desenvolvimento enquanto ser social.

Com isso percebemos que esse jardim público era uma extensão das casas para os moradores da cidade de Picos, que utilizavam a Praça como um lugar para lazer e sociabilidade dos habitantes da cidade em geral. É nesse sentido que Ana Fani Alessandri Carlos (2007, p.17) afirma que “O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida apropriada através do corpo dos sentidos dos passos de seus moradores, é o bairro é a praça, é a rua”.

Sobre esse ambiente de sociabilidades da Praça Félix Pacheco nos anos sessenta a autora Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira explica que,

[...] A Praça Félix Pacheco, nesse sentido, era um campo de atração dos jovens no espaço da cidade. Era nela onde se experimentavam grande parte das práticas juvenis, desde o encontro com os amigos aos namoros nos bancos da praça. A cidade nos anos sessenta tinha a praça como seu ponto principal de sociabilidades. Uma praça de formato triangular, com um enorme jardim, que apresentava desde floridas roseiras e plantas rasteiras, a árvores de grande porte como carnaubais, que se balançavam no encontro com o vento. Os bancos ficavam ao lado dessa vegetação, proporcionando aos seus frequentadores uma sensação de ar puro e um maior contato com a natureza. (OLIVEIRA, 2011, p. 31).

Nesse sentido concluímos o que a Raquel Rolnik define a cidade como um ímã, um campo magnético que atrai, reúne e concentra os homens (ROLNIK, 2004). A Praça Félix Pacheco, nessa definição, era um campo de atração dos jovens no espaço da cidade. Era ali onde se experienciava grande parte das práticas juvenis, desde o encontro com os amigos aos namoros nos bancos da praça.

Compartilhando da ideia autora Sandra Jatahy Pesavento de que cidade é constituída não apenas pela materialidade, produção do homem, mas também de sensibilidade e de sociabilidade:

Mas a cidade, na sua compreensão, é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de intervenção e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram a ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo. [...] cidade, lugar do homem; cidade, obra coletiva que é indispensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais. (PESAVENTO, 2007, p.14).

Reafirmamos essa ideia de que a cidade também é feita de sensibilidades, na análise do depoimento de nossa entrevistada, a Senhora Rita Maria de Souza Viana (2017). Esse

relato oral é marcado por gestos e expressões que denotam a vontade de recompor a paisagem nas cenas que vem na sua memória:

Nesse período também tinha esse abrigo que ficava bem no centro da praça, era um espaço era um andarzinho que tinha uma escada e os jovens subiam, era tipo um barzinho lá em cima e embaixo para as pessoas frequentarem. Aonde os jovens iam, sentavam, desciam, brincavam por ali, mas tinha determinada hora que saia todo mundo. (VIANA, 2017).

Levar o entrevistado ao local de estudo nos ajudou a entendermos a importância na memória das pessoas que vivenciaram a Praça Félix Pacheco e hoje mantém viva essa memória. No decorrer da entrevista, Rita Viana relatou histórias sobre uma praça que ela vivenciou na sua juventude. E, ainda gesticulava localizando os espaços vividos, como se a mesma voltasse ao passado e nos levasse junto.

Segundo Sônia Freitas (2002), a História Oral, também faz parte deste processo de investigação e apresenta características e recupera informações não encontradas em arquivos ou documentos. Com isso utilizando relatos de pessoas que vivenciarem esses períodos. Tendo isso como base, compreendemos que esse método é bastante progressivo para a realização de pesquisa em diferentes áreas, com isso podemos entender que ela pode dar grande contribuição para a análise da memória dos entrevistados que vivenciaram a época em estudo.

Ao realizar uma entrevista, podemos perceber através de gestos e da fala do entrevistado como ele faz uma volta ao passado e aos poucos consegue nos levar a um passado no qual não conhecíamos e que passamos a conhecer através da sua narração. Apropriamo-nos do método da história oral proposto por Alessandro Portelli (1997), onde a história oral é encarada como instrumento para fornecer informações sobre o passado, o que lhe interessa é a subjetividade dos narrados. Desta forma ele nos apresenta reflexões sobre as possibilidades, pois todo pesquisador deve conhecer as normas, situando-as a ética profissional a técnica no contexto de responsabilidades, tanto no individual, civil e político. O que significa respeito com que se trabalha e zelo pelo material conseguido, ou seja, é o reconhecimento de múltiplas narrativas. A individualidade, igualdade e diferença toma ênfase no reconhecimento não só da diferença como também da igualdade, sendo essa ação um ato eminentemente pessoal tendo em vista o respeito às particularidades dos narradores. Por isso, a essencialidade do historiador oral, está na arte da escuta, pois segundo ele, as fontes orais revelam as intenções dos feitos, suas crenças, mentalidades, imaginário e pensamentos referentes às experiências vividas. A fonte oral pode não ser um dado preciso, mas possui

dados que, às vezes, um documento escrito não possui. Ela se impõe como primordial para compreensão e estudo do tempo presente, pois só através dela podemos conhecer os sonhos, anseios, crenças e lembranças do passado de pessoas anônimas, simples, sem nenhum status político ou econômico, mas que viveram os acontecimentos de sua época.

Portanto ainda de acordo com Alessandro Portelli, o respeito pelo valor e a importância que cada indivíduo tem se configura como uma das principais lições de ética sobre a pesquisa na História Oral. Onde cada indivíduo é em potencial um arcabouço de informação, e deve ser visto como únicos nas suas narrativas. Em virtude de pesquisas feitas percebemos os contatos e os vínculos formados a partir do envolvimento dos indivíduos, nesse espaço de sociabilidade, bem como a importância desse espaço na circulação das relações entre as diversas classes sociais da respectiva época.

Segundo Sônia Freitas (2002, p. 51), a “História Oral tem como suporte as lembranças, evidenciando uma memória coletiva”. Essa autora propõe uma reflexão mais aprofundada sobre a relação entre História Oral e Memória. Freitas discute aspectos importantes da produção de autores que se tornaram referência na área de História Oral, como Alessandro Portelli e Paul Thompson.

Já que ao resgatar a memória social produzida sobre um saber coletivo, busca-se entender como os fatos vividos por determinadas sociedades são representados por diferentes personagens. Nessa exposição, ressalta-se a contribuição da História Oral, que ajuda a preservar o patrimônio sócio-histórico de um lugar, sejam os espaços, objetos, monumentos, ruas, praças, pessoas. Normalmente, esses aspectos agregam as memórias e, precisam ser mantidos para a transmissão e desenvolvimento da história, se apresentando simbolicamente ou materialmente os hábitos de uma sociedade.

Esses espaços surgem e formam-se a partir do envolvimento que não existe na lembrança espontânea, é necessário que sejam trabalhados procedimentos para a sua concretização, pois o respeito pelos lugares de memória vem fortalecer a identidade local, privilegiando aquilo que em um dado momento da história teve a sua grande importância. A manutenção do patrimônio deve ser uma ação educativa que servirá para as gerações futuras.

O método de pesquisa oral permite ao historiador acessar ao passado através das narrativas dos sujeitos-memória. Assim, achamos por certo utilizarmos esse tipo de método para conhecermos um pouco sobre essa Praça Félix Pacheco, no Centro da cidade de Picos, que por muitos anos teve uma função de grande importância na vida dos picoenses.

Podemos ressaltar que a Praça Félix Pacheco conseguiu acumular durante vários anos as funções de área de lazer, centro comercial e área residencial, era nela onde se podia

observar de forma mais intensa o viver na cidade e o se portar nela. Era ao redor ou bem próximo da praça, que estavam os mais variados estabelecimentos. Podíamos encontrar: sorveteria, bares, o Banco do Brasil, Igrejas, o Mercado Público, hotéis, lojas de variados tipos e em especial o cinema, como descreve a autora Priscila Moura Ribeiro.

O entorno da praça era formado por bares – o mais famoso teve por nome *Bar do Pipoca* – como também mercados, lanchonetes e a presença do cinema da cidade que tinha por nome *Cine Spark*. Percebemos assim que esse logradouro público em articulação aos demais lugares entre lojas e o Banco do Brasil a sua volta, ajudavam a dinamizar a cidade de Picos dando movimento a praça, bastante procurada por parte da juventude como também de famílias picoenses. Esses jovens encontravam na praça um lugar ideal para tomar sorvete, lanchar, assistir algum filme e com isso acabavam sempre buscando esse local de vivências coletivas. (RIBEIRO, 2014, p. 36).

Segundo Priscila Moura Ribeiro o Cine Spark que se localizava em frente à Praça Félix Pacheco, dispusera de uma estrutura admissível para acolher seus frequentadores, formado por uma tela panorâmica e cadeiras confortáveis, sendo um ambiente ventilado. Foi o mais duradouro e contribuiu para a cultura e o imaginário da juventude em especial, que se sentia atraída pelos filmes de várias temáticas e vinham a frequentar a praça anteriormente e posteriormente as sessões do cinema.

Sob a perspectiva da historiadora Karla Ingrid Oliveira (2011) a Praça Félix Pacheco era o local de encontros amorosos e de passeios ao anoitecer. Esta possuía ainda, durante o dia, espaço para um divertimento mais intelectualizado, uma vez que a juventude da época aproveitava as sombras das árvores para se sentar em grupos de amigos e contar uns aos outros as histórias lidas nos clássicos:

O interior da praça contava ainda com a instalação, bem no centro, de um barzinho, conhecido como Abrigo. [...] era o local reservado para festas que aconteciam nas noites de finais de semana, onde rapazes e moças se divertiam, dançavam e namoravam ao som da sanfona, do triângulo e da zabumba que animavam as serestas. Havia ainda os dias que a apresentação era ao som dos violeiros. [...] A juventude gostava de frequentar o Abrigo e tinha o hábito de subir para o salão e ficar observando o movimento da praça era um espaço permanentemente agitado. [...] o rapaz encostava-se próximo à moça e conduzia-a de mãos dadas, em direção à parte central para ficarem mais reservados, enamorando-se. (OLIVEIRA, 2011, p. 33, 35).

Nesse sentido, esse espaço público por estar localizado no centro da cidade tornou-se um dos locais mais frequentados da época e constituía um lugar de lazer e sociabilidade urbana para os cidadãos que viveram naquela época. “Contudo, mais que um lugar de lazer, a

praça se revelava como um espaço propício aos picoenses estarem exercendo suas sociabilidades juvenis, se tornando um lugar de memória” (RIBEIRO, 2014, p. 40).

A Praça Félix Pacheco dos anos sessenta, analisada por Karla Íngrid Pinheiro Oliveira (2011) nos revela um ambiente de múltiplos significados que não apenas se resumia a um lugar de encontro de namorados e amigos, mas também um local de contato mais próximo do homem com a natureza manifestada na prática urbana, como podemos observar na imagem a seguir (Figura 4).



Figura 4: Praça Félix Pacheco, no Centro de Picos (década de 1980).

Fonte: Acervo e memória picoense. In: https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/photos_stream
Acesso em 21/04/2018.

Nos anos 1970 as transformações sofridas na Praça Félix Pacheco com modificações em quase todo o seu espaço total, sofreu diversas alterações, diminuiu de tamanho e perdeu atrativos culturais como o Coreto e o Bar Abrigo, espaços dinâmicos de vivência social. Por décadas ela foi um dos locais mais bonitos, agitados da cidade e a principal praça central.

Segundo a historiadora Mara Gonçalves de Carvalho, o cotidiano da cidade podia ser observado de forma bastante peculiar através do movimento de pessoas na praça:

As crianças principalmente os meninos utilizavam esse espaço para brincar de diversas brincadeiras. A praça funcionava como um amplo parque infantil. Crianças de várias idades utilizava a praça geralmente no horário matutino ou no cair da noite e geralmente eram observados pelos pais. Já os mais velhos utilizavam esse espaço

como local para reunir os amigos e “jogar conversa fora”, muitas vezes também aproveitavam o espaço para jogar dominó, baralho dama ou algum jogo desse tipo. (CARVALHO, 2015, p. 74).

No depoimento oral de Odorico Leal de Carvalho¹⁰ cedido a Mara Gonçalves de Carvalho (2015), percebemos que havia segregação de classes entre os frequentadores da Praça Félix Pacheco.

Todo domingo ia as meninas e meninos ali pra aquela praça, né? Os meninos ficavam de um lado parados assistindo as meninas desfilarem, passar de um lado para outro... O incrível é que já ali, já havia divisão de classe.... Tinha um lado onde era as pessoas mais ricas.... Do outro lado as pessoas mais pobres... Lá do centro.... Mais essa é que era a diversão. [...] (CARVALHO, 2015, p. 75).

Em especial nas décadas de 1970 e 1980, apresentava alguns espaços de lazer que serviam como pontos de diversão e locais de sociabilidade: por causa dos bares, lanchonetes e parquinhos, que serviam de ponto de encontro e entretenimento entre as classes que ali se encontravam. Os acontecimentos que ocorreram nesse jardim público entre 1950 e 1980 ainda existem na memória das pessoas que a frequentavam nessa época. Como podemos perceber no relato do entrevistado José Gonçalves Ribeiro, 68 anos de idade, que há 40 anos é proprietário de uma banca de Jornal na Praça Felix Pacheco (Banca do Ribeiro).

O logradouro que o senhor Ribeiro lembra é uma praça bem diferente da de hoje. Na época de sua juventude ele era frequentador do rossio e utilizava o local para jogar conversa fora com os colegas, tomar um sorvete e até mesmo para paquerar as moças que também a frequentavam.

“Um simples passeio ao redor da praça era visto como uma forma de lazer”. Nesse trecho do relato oral de José Gonçalves Ribeiro (2017) fica perceptível que a praça em estudo era um local de lazer para a sociedade picoense. Porque segundo ele: “Frequentar a Praça Félix Pacheco nos anos 1970 ou ainda nos anos 1980, era como lazer prazeroso já que havia atrativos como, por exemplo, sorveteria, bares e o cinema ao redor da praça, além do passeio na praça”. (RIBEIRO, 2017).

Podemos perceber pela análise dos depoimentos dos entrevistados que a Praça Félix Pacheco nas décadas trabalhadas foi um dos meios de lazer para a população da cidade de Picos. Com base nos estudos de Mara Gonçalves de Carvalho (2015), afirmamos que a Praça Félix Pacheco, por seu posicionamento privilegiado tornava-se assim um dos principais locais de sociabilidade e diversão para toda a população picoense e cidades vizinhas (Itainópolis,

¹⁰ CARVALHO, Odorico Leal de. Depoimento concedido a Mara Gonçalves de Carvalho, 2012.

Bocaina, entre outras). Assim, analisar o cotidiano do centro de Picos sem discutir a movimentação da praça é praticamente impossível.

O senhor Edimar Luz (2013) descreve o cotidiano do logradouro público em análise, no seu artigo “A Praça Félix Pacheco”, publicado no site Jornalista 292:

[...] após a missa semanal das noites de domingo na Catedral, o passeio tradicional na praça era bastante relevante [...] quando uma multidão considerável desfilava num vaivém incessante pelos passeios laterais ou flancos da Praça. Lá também se davam com frequência os encontros dos casais de namorados, que, romanticamente, passavam doces e sublimes momentos nos jardins e bancos da praça. (LUZ, 2013).

Fica claro no texto acima do senhor Edimar Luz, que o passeio na praça era uma forma de lazer que possibilitava aos jovens se reunir para “flertar”, conversar ou simplesmente passear.

Apesar das modificações significativas em sua estrutura como a diminuição de seu espaço e a introdução de um abrigo em seu centro, demolido anos depois, num outro momento de transformação da cidade como asfaltamento de ruas, canalização de água, construções de edifícios, propagação dos automóveis, aumento na velocidade de comunicação (globalização), propagação do cinema, entre outras tecnologias, a Praça continuava a ser um local de divertimento e sociabilidade para jovens, velhos, crianças, homens, mulheres, ricos e pobres até a década de 1980. E é com essa percepção de mudanças e lembranças que desperta a curiosidade e a possibilidade de conhecer as histórias e experiências ocorridas no jardim na década seguinte.

CAPÍTULO 2: A PRAÇA FÉLIX PACHECO NOS ANOS 1990

Notamos em nosso estudo que, na atualidade, a maior parte das cidades passou por intensas modificações políticas, estruturais, econômicas e sociais. Acarretando o desenvolvimento de uma ausência de memória, perda de identidade e, igualmente, uma perda de parcela da história do lugar e dos moradores que viveram no decorrer de um dado tempo. Essa preocupação ocasionou na realização desta pesquisa tomando como base da abordagem as transformações que moldaram essa cidade, tanto no aspecto físico e conjuntural bem como na memória dos habitantes picoenses. Entretanto, é necessário enfatizar quais fatores que constituem a memória. Segundo Michael Pollak (1992), a memória individual ou coletiva é determinada por:

[...] em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de vividos por tabela', ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. [...] Além desses acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens. Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa. [...] Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. (POLLAK, 1992, p. 2-3).

O vínculo entre a memória e a história está na manutenção e cautela do tempo, dando apoio para a produção do conhecimento histórico. Dessa maneira, os sujeitos podem procurar auxílios na história para dar conta da sua identidade, de sentido de pertencimento a seu grupo social, seu modo de viver e compreender o mundo. O conhecimento da história e da memória dos sujeitos é dada, nos dias de hoje e em grande parcela, através dos documentos criados pelas práticas exercidas por estabelecido grupo ou indivíduo. Essas inscrições, determinadas de forma orgânica, passam a ser uma relevante fonte de informes e referências. No entanto, para que se estabeleçam como um trabalho histórico é necessário que se achem disponíveis, a qualquer momento, aos pesquisadores ou interessados em geral.

Análises a respeito dos avanços de modernização em que as cidades brasileiras passaram vêm dominando relevante área na historiografia nacional. No decorrer das décadas a sociedade vem transitando por vários e diferentes processos de modernização e, constatando

coletivamente, enormes mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais, a exemplo as modificações físicas de inúmeras cidades, do desenvolvimento da vida na urbe, do advento de novas condutas, valores e relações sociais.

Na década de 1990 a cidade de Picos já havia passado por diversas transformações, como o acelerado processo de urbanização, quando a população urbana ultrapassou a rural como mostra a tabela a seguir.

Tabela 1: **População Total, por Gênero, Rural/Urba - Município - Picos - PI**

População	População (1991)	% do Total (1991)	População (2000)	% do Total (2000)	População (2010)	% do Total (2010)
População total	58.737	100,00	66.548	100,00	73.414	100,00
População residente masculina	27.815	47,36	31.946	48,00	35.061	47,76
População residente feminina	30.923	52,65	34.602	52,00	38.353	52,24
População urbana	45.571	77,58	52.547	78,96	58.307	79,42
População rural	13.166	22,42	14.001	21,04	15.107	20,58

Fonte: PNUD, IPEA e FJP.

A economia girava entorno da agricultura e do comércio, este que na atualidade é a principal atividade econômica, que atraía várias pessoas de cidades vizinhas como podemos observar abaixo no texto de Maria dos Remédios Beserra.

Essas transformações na estrutura populacional acompanham as mudanças na economia do município, que gradativamente foi assumindo posição de destaque na região/território e no Estado. O município conta com um fluxo constante da população dos municípios circunvizinhos, o que contribui decisivamente para sua dinamicidade econômica e, conseqüentemente, para o desenvolvimento das funções urbanas nos setores de saúde, educação, serviços bancários e comércio, dentre outros. (BESERRA, 2015 p. 7).

Na década de 1990, a cidade de Picos estava sob administração de Jose Neri de Sousa (1989 a 1992), posteriormente Abel de Barros Araújo (1992 a 1996). Neste período o Brasil passava por uma grande recessão econômica que também foi sentida pelo município, como

afirma o Sr. Francisco de Assis em sua entrevista cedida a Revista Momento Informativo no ano de 1995, “Em quarenta anos de comércio em Picos nunca tinha visto uma recessão tão grande quanto aqui está aí”. Tal recessão é explicada em outro trecho:

É natural, portanto que uma cidade comercial com uma indústria apenas (Indústria Coelho) esteja sentido os efeitos recessivos das medidas do governo, quando elevou taxas de juros, numa tentativa de conter o alto consumo após o lançamento da nova moeda (Real). (JORNALISMO, 1995, p. 12).

Além disso, existiam reclamações diárias sobre a falta de administração, sujeira em todas as partes, ruas e praças às escuras e o aumento constante da violência principalmente em ruas adjacentes a mesma, como se pode observar em um trecho de texto retirado da revista Momento Informativo, que circulava na época:

Perdida em meio a tanta necessidade Picos agoniza lentamente. A cidade-Modelo (parece até piada de mau-gosto) vem se tornando tudo, menos o que realmente é uma cidade de futuro promissor, mas incerto, possibilidades imensas, mas pouco provável. (JORNALISMO, 1995, p. 12).

Acrescenta-se também Ata da Câmara onde segundo o vereador João Militão Rufino reclamava da falta de limpeza e dos esgotos a céu aberto na cidade:

Combateu da tribuna o drama da sujeira em Picos que atrai grande número de Urubus pondo em risco a saúde da população [...] as péssimas condições sanitárias da cidade de Picos e a falta de saneamento básico o [...] (Ata da sessão ordinária da Câmara, do dia 21/02/1992, p. 40).

Em 1990 a cidade de Picos completava 100 anos de emancipação e muito mudou na sua história, especialmente as tradições e hábitos de seus moradores, nessa época, Picos era uma cidade pacata como podemos analisar na fala do entrevistado Pedro Alves da Luz (2018) “costumávamos conversar nas calçadas de nossas casas, nossas conversas se estendiam até a Praça Félix Pacheco, pois era um espaço ideal para ir com a família e se divertir com amigos, [...] não lembro de nenhum momento de violência”.

Em entrevista a o morador da cidade de Picos José Coelho Viana Júnior que vivenciou sua juventude iniciando na década de 1990, o mesmo nos relatou sobre como utilizava esse espaço público na época em estudo, pois segundo o depoente os jovens faziam uso da Praça devido vários eventos que ocorriam ao seu entorno e era costumeira a juventude trafegar com tranquilidade pelas ruas de Picos que naquela época e não se ouvia falar tanto de violência como observamos no relato a seguir: “[...] eu ia sempre com uma turma de amigos, nós

saiamos do nosso bairro a pé mesmo, pois naquela época Picos não era tão violenta, íamos para as festa que eram no centro bem pertinho da Praça” (VIANA JÚNIOR, 2018).

Nessa hora a Praça Félix Pacheco se transformava em um local de socialização. São os lugares que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito a seu cotidiano e a seu modo de vida, isto é, pelas formas através das quais o homem se apropria e que vão ganhando o significado dado pelo seu uso. Trata-se de um espaço palpável, como salienta Ana Fani Alessandri Carlos (1996, p. 21/22).

Com isso, passamos a entender que a memória pode ser considerada como individual ou coletiva. A inicial se refere ao modo com que cada sujeito desempenha os informes alcançados a partir de suas experiências e sua maneira de viver. Nessa perspectiva, consideramos que cada sujeito interioriza e efetiva de forma particular esses esclarecimentos. De outra maneira, partindo da perspectiva de Michael Pollak, essa memória igualmente expõe características do coletivo, em resultado da ação que a comunidade social realiza em relação à produção racional do sujeito. Sobre a memória coletiva, esta seria formada pelos dados partilhados entre os sujeitos, ultrapassando as dinâmicas familiares, atuando como elemento da formação e estabelecimento das identidades da coletividade.

Na década de 1990 a Praça Félix Pacheco era o local preferido para as concentrações políticas, promoviam atrações anuais que conseguiam atrair a população e cidades vizinhas para a Praça durante a realização dos eventos como, comícios eleitorais, que com o passar dos anos foram proibidos em locais como esses, pois, tinham shows que os partidos políticos contratavam bandas da região ou não, e era de graça para toda população que vinham de vários locais, também tinha o palco da cultura, um evento que consistia em trazer os talentos da terra para se apresentarem shows do aniversário da cidade, barracas de campanhas de vacinação, já que nessa época não existiam postos de saúde nos bairros, e contava como local de assistência aos doentes apenas o hospital regional Justino Luz, realizações de Bingos e o Carnaval eram realizados ali e se estendia para as ruas adjacentes.

Através das muitas características da identidade moderna, é a memória o elemento fundamental para a formação do entendimento particular e social. A identidade se elabora em um sujeito com base nas suas concepções de mundo, convicções, valores políticos e vivências importantes em similitude com sua comunidade vinculada às expressões alusivas. Ainda assim, devemos conferir à cultura o recurso de conservação da memória, visto que a elaboração da memória seja individual ou coletiva decorre da acumulação das vivências de grupos e visões antecedentes, na qual resultaram em práticas e normas entendidas como

cultura. De acordo com Jacques Le Goff (2003), a concepção de memória é de suma importância, e nessa perspectiva ele evidencia:

Fenômeno individual e psicológico (soma/psiche), a memória liga-se também à vida social (sociedade). Esta varia em função da presença ou ausência da escrita (oral/escrito) e é objeto da atenção do Estado, que, para conservar os traços de qualquer acontecimento do passado (passado/presente), produz diversos tipos de documentos/monumento, faz apreensão da memória, depende deste modo do ambiente social (espaço social) e político (política): trata-se da aquisição de regras de retórica e também da posse de imagens e textos (imaginação social, imagem, texto) que falam do passado, em suma, de certo modo de apropriação do tempo (ciclo, gerações, tempo/temporalidade). (LE GOFF, 2003, p. 419).

Certamente, essa cidade sensível é um imaginário elaborado pela nossa concepção e que reconhece, especifica e caracteriza o plano, o modo, a dimensão, os hábitos e os protagonistas desse âmbito citadino experienciado e perceptível, possibilitando que notemos e admiremos de um modo ou outro a veracidade concreta. É por esse desenvolvimento mental de análise que a cidade de Picos é compreendida como portadora de significância e de uma memória, onde idealizamos a vida na cidade onde, a começar da sua origem, ocasionou uma transformação na existência, no lugar e no tempo, assim como nos ajuda a identificar as multiplicidades e desigualdades na conjuntura urbana, desse modo, ocasionando a criação de identidades novas através do contemplar e da palavra que caracteriza que mencionamos a respeito do desenvolvimento ou do retardo da cidade, assim como permite diferenciarmos o antigo do recente, que elaboramos a noção de transformações da Praça Félix Pacheco, da cidade de Picos-PI, um importante local de diversão, encontro e sociabilidade.

Segundo Maurice Halbwachs “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (2006, p.30), sendo assim, o autor enfatiza a ideia na qual a memória estaria baseada em um fator grandemente coletivo, isto é, de maneira oposta a uma característica unicamente individual. Podemos atribuir à memória coletiva o aspecto de um pensamento vivo, atividade em permanente modificação entre os sujeitos. Por outro lado, no instante na qual este conhecimento passa a ser escrito, ele se transforma em história, ficando inflexível e forte, uma reprodução imprecisa da memória. Sobre o choque memória versus história, escolhemos admitir para esta pesquisa a noção de Karina Vanderlei Silva e Marciel Henriques Silva (2009), que esclarece:

[...] apesar de haver uma distinção entre memória e História, essas são inseparáveis, pois se a História é uma construção que resgata o passado do ponto de vista social, é

também um processo que encontra paralelos em cada indivíduo por meio da memória. (SILVA e SILVA, 2009, p. 01).

Dessa maneira, o desenvolvimento de elaboração da história é executado a partir do registro das lembranças dos indivíduos que procuram por intermédio da lembrança do passado contar suas vivências do modo mais perto da verdade. Entendemos inicialmente que esse avanço de rapidez, na mudança dos contextos da cidade e ocasionalmente na maneira de agir na urbe, vem criando vários debates e concedendo a discussão sobre a probabilidade de modernização, isto é, modificar, redesenhar as cidades, contudo, sem prejudicar o seu legado histórico e os locais de memória que os sujeitos se reconhecem, através dessa indagação buscamos apoio para esclarecer esse assunto no decorrer do trabalho.

Entendemos que a cidade além de ser um âmbito físico é, igualmente, é um ponto de construção de imaginários e de concepções elaboradas a partir do entendimento de seus moradores. Os lugares da cidade, nesse caso a Praça Félix Pacheco, se destacam pela apreensão da emoção e do sentimento, dos anseios, receios e perspectivas particulares e coletivas construídas pela vida no âmbito citadino. Podemos então dizer que a cidade igualmente apresentada pelos protagonistas e pelos hábitos como objeto de uma formação imaginária, possibilitando que se identifique ou se vislumbre uma vivência perceptível. Nesse sentido, o local da praça se transforma em um espaço portador de um valor e de uma memória.

O depoente José Coelho Viana Júnior era bastante jovem na década de 1990, mas ressaltou que tem muitas lembranças sobre a praça em estudo. Questionado sobre esse espaço público, o nosso entrevistado nos relatou das festas que ocorriam no entorno da Praça Felix Pacheco nos anos de 1990. Como podemos observar a seguir.

Eu lembro que gostava de ir assistir as apresentações dos artistas que se apresentava no palco da cultura, esse evento acontecia bem perto da praça então eu aproveitava e ficava na Praça. O carnaval e os comícios também eram ali perto e a Praça e as ruas próximas enchiam de gente. (VIANA JÚNIOR, 2018).

É interessante perceber no diálogo do entrevistado, que as atrações principais da cidade de Picos nos anos de 1990 ocorriam em torno da Praça Félix Pacheco. Outra depoente a Maria Luzinete da Silva Santos (2018) relembra sobre os eventos que lá havia no período dos anos 1990, “Havia desfiles de escola de samba no carnaval, comícios e outros eventos culturais”. O entrevistado Douglas Nunes (2018) também relembra esses acontecimentos.

Os eventos que havia eram esporádicos; Na época de eleição havia os comícios. Promoções da prefeitura de Picos com bandas de música; Promoções de Bingos. Nesses dias a Praça se enchia. Uma multidão comparecia para participar dos eventos. No resto da semana a praça era mais vazia. Depois a prefeitura proibiu a concentração na praça em dias de Bingo de motos e carros, pois provocam a depredação de bancos e das plantas da praça. (NUNES, 2018).

Através desse relato de nosso entrevistado percebemos que no carnaval os desfiles de escola de samba eram um dos eventos que ocorriam ao entorno da Praça Félix Pacheco nos anos 1990. Como podemos observar nesse trecho onde Priscila Ribeiro descreve a trajetória de uma escola de samba que se apresentava na cidade de Picos. “A trajetória da escola de Samba Iang da Portela, desde sua fundação até a decadência, foi marcada por momentos de desfiles glamorosos que se apresentavam inicialmente na Praça Félix Pacheco” (RIBEIRO, 2014, p. 56).

Segundo Priscila Ribeiro, podemos perceber que esta festa de rua permaneceu até o final da década de 1990. “A escola ainda foi campeã no desfile de 1994, tendo encerrado suas atividades no ano de 1999, época na qual se apresentou oficialmente no último desfile se despedindo das ruas da cidade” (RIBEIRO, 2014, p. 60).

Em uma entrevista concedida a Priscila Ribeiro o fundador de uma escola de samba, Luís Geraldino Carvalho¹¹ relatou em depoimento o, encerramento das atividades foi devido ao cancelamento das subvenções cedida pela Prefeitura de Picos, que tinha por prefeito Zé Néri (1997-2000).

Porque é que hoje nós não temos mais o carnaval de rua? Foi porque em noventa e nove, o prefeito da época Zé Néri, disse que a cidade estava passando por problemas graves de estrutura né, e precisava fazer uns cortes de gastos para resolver esses problemas né, aí foi o que ele disse. [...] as escolas de samba que dependiam da verba foram se acabando aos poucos até as mais antigas não conseguiram se manter [...] ainda tentamos entrar com recursos mais num deu em nada até acabar de vez. (CARVAHO, 2015, apud RIBEIRO, 2014, p. 61).

Através desses relatos podemos observar que várias mudanças ocorreram em relação à utilização da Praça Félix Pacheco durante a década de 1990, pois anteriormente a praça era um local de passeio e afetividade para os moradores de Picos que durante todos os dias da semana tinham o habito de frequentar a Praça. Já na década na década de 1990 a Praça era frequentada por na maioria das vezes quando acontecia algum evento ao seu entorno como vimos anteriormente.

¹¹ CARVALHO, Luís Geraldino. Entrevista cedida a Priscila de Moura Ribeiro, 2014.

Isso também se deu a chegada de outros atrativos para os moradores da cidade, como por exemplos para os jovens da época que passaram a se concentrar mais nas atrações em seus próprios bairros. Na década de 1990, novas tecnologias vêm surgindo desde a década anterior no Brasil, apesar de ter acontecido de forma mais desacelerada na região nordeste, especificamente aqui na cidade de Picos. E com essas tecnologias desponta os videogames, que juntamente com as Locadoras de videogame introduz novas formas de entretenimento, diversão e sociabilidades os jovens desse período. Vemos isso na fala de José Coelho Viana Júnior a seguir: “Frequentava a praça, mas só nos dias em que tinha alguma atração como as festas. Na época eu era jovem e ficava mais no meu bairro com os amigos jogando bola e videogame” (VIANA JÚNIOR, 2018).

Com isso a Praça Félix Pacheco durante os anos noventa ficou meio que abandonada por parte da sociedade picoense, pois a maior parte das pessoas que se encontrava na mesma era quem trabalhavam na praça ou que tinham interesse no comércio que ali existia, como por exemplo, as bancas de jornal e barracas de lanches.

Compreendemos que a história oral é um elemento muito promitente para o desenvolvimento desse trabalho em diversos âmbitos, a partir disso percebemos que ele pode oferecer fundamental auxílio para a proteção da memória dos picoenses questionados no decorrer da realização desta abordagem. Certamente por conceder ao historiador ter acesso ao passado por intermédio das histórias e da memória das pessoas que vivenciaram a década de 1960, acreditamos que a utilização dessa ferramenta seja de suma importância para entender grande parte da rotina do ponto central da cidade de Picos/PI e de seus habitantes. Procuramos a partir das entrevistas apreenderem o ponto de vista sobre a cidade e seus espaços de cada um dos entrevistados e quais os vestígios que ficaram na lembrança desses indivíduos durante o perpassar dos anos, ainda que em situações de entendimento esses resquícios fossem se modificando, se transformando com as décadas e com a conjuntura que as pessoas estão postas.

A memória viabiliza o vínculo entre tempo e espaço, ela se forma através de uma vivência em um demarcado local. Constrói-se pela identidade acerca da sua posição, desse modo lugar e identidade são inseparáveis. O memorável tem seus efeitos, o evolutivo, o que se passa transformando âmbitos inserindo-se de outro modo no espaço. O momento anterior deixou marcas, registro, inscrição do tempo. Porém, esse lugar atual é geralmente como antigamente um espaço vigente que se deu como um todo atual com suas relações e junções em prática. A memória está intrinsecamente relacionada a um local. Segundo Pierre Nora (1993) os lugares de memória são, inicialmente, lugares em um trio de compreensão:

[...] são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; são lugares funcionais porque têm ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva – vale dizer, essa identidade – se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória. (NORA, 1993, p. 35).

Isso quer dizer que o lugar conserva em si e não no exterior dele a sua significância e as extensões da dinâmica da vida, provável de ser tomado e compreendido pela memória, a partir das vertentes e perspectivas. O lugar se elabora na relação oposta entre o todo (geral) que se indica e a particularidade histórica do individual. Dessa maneira, o lugar se conceberia como marca de conexão entre a mundialidade em estabelecimento e o espaço enquanto característica efetiva. Portanto, a memória se estabelece como um elemento de identificação humana, é o registro ou indício de sua cultura, "o que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação" (NORA, 1993, p. 13).

Através de imagens e relatos podemos analisar as transformações ocorridas nessa referida praça tanto na sua utilização por parte dos frequentadores, como na sua estrutura física, pois são notórias as modificações sofridas pela mesma na década de 1990 como a substituição do coreto pelo abrigo que posteriormente deu lugar a uma fonte jorrante.

Ao longo da história da administração municipal da cidade de Picos, a Praça em questão vem sendo alvo de transformações, fruto das investidas dos gestores que mostram pouco compromisso em conservar as marcas espaciais (como exemplo o coreto, lembrado por nossos entrevistados) deixadas pelas gerações anteriores, como explica Sandra Pesavento (2007), "com frequência, a transformação do espaço foi de tal ordem, a modernidade implantada tão avassaladora que apagou do espaço materialidades e sociabilidades do passado". Como podemos observar na imagem abaixo.



Figura 5: Antigo coreto da Praça Félix Pacheco na década de 1950.
Fonte: Museu Ozildo Albano.

A cada nova administração, a mesma é destruída e reformada, e assim vem ganhando novas formas. Porém, meio as transformações sofridas, podemos observar à preservação de uma árvore (pé de oiticica). Que a mesma é preservada até os dias atuais. Como podemos observar através da imagem abaixo.



Figura 6: Momento em que os alunos do Instituto Padre Anchieta plantam a árvore (Pé de Oiticica) na Praça Félix Pacheco no ano de 1962.
Fonte: Museu Ozildo Albano



Figura 7: Pé de Oiticica na Praça Felix Pacheco 2018
Fonte: Acervo particular de Maria de Fátima de Moura Santana.

A mesma foi plantada em 21 de setembro no ano de 1962 por alunos do instituto Padre Anchieta. Esse instituto foi fundado por Ozildo Albano juntamente com sua irmã Maria da

Conceição Silva Albano e teve várias iniciativas educacionais e culturais. Uma das que ficou na memória dos moradores da cidade foi o plantio da Oiticica (*Licania rígida*). A árvore foi tornada Monumento Ecológico do Município de Picos, por Lei Municipal de 1987.

É fundamental considerar o lugar como palco dos acontecimentos pela sua dimensão real, prática, sensível e concreta. Além disso, se torna fundamental considerá-lo como uma construção tecida por relações sociais no espaço vivido, garantindo uma rede de significações e sentido, tecidos pela história e cultura.

Nos anos de 1990 a Praça em estudo perdeu quase que totalmente a função a que haviam se destinado, ou seja, de local de passeio e de sociabilidade picoense, pois com outros atrativos a população não mais utilizava como antigamente. Perdendo-se no tempo parte da sua beleza das antigas praças e a funcionalidade (sociabilidade e lazer) que a mesma proporcionava, descrita anteriormente através das entrevistas. Como é relatado por Douglas Nunes quando se refere à Praça a partir de 1990:

Não havia atrativos que os segurassem na praça como havia nos anos anteriores, anos 80, 70, quando funcionava o Cine Spark que era o atrativo Cultural, e também os show organizados, com bandas e cantores, festivais com calouros. Aos sábados e domingos, as matinês também ajudavam no aumento do movimento na praça, as trocas de gibis, revistas, etc. (NUNES, 2018).

Segundo Douglas Nunes, a Praça Félix Pacheco apesar de todas as transformações sofridas ela continuou sendo utilizada, apenas com ponto de encontro de namorados para que pudessem se deslocar para outros locais da cidade como clubes (Picoense Club, Overtime), apesar de que na Praça já existia o trailer do “Negão do Cachorro Quente” e bancas de revistas.

Na década de 1990, outro momento em que essa Praça era frequentada, era nas realizações de eventos como, por exemplo, a feira do livro espirita que acontecia todos os anos e conseguia atrair o público ao local. Através de imagens podemos perceber certa movimentação de frequentadores na Praça durante o evento citado acima.



Figura 8: 4ª Edição da Feira do Livro Espirita na Praça Felix Pacheco no ano de 1993.

Fonte: Arquivo pessoal de Douglas Nunes.



Figura 9: 10ª Edição da Feira do Livro Espirita na Praça Felix Pacheco no ano de 1999.

Fonte: Arquivo pessoal de Douglas Nunes.

Sobre esse evento realizado na Praça Félix Pacheco desde o ano de 1989 o entrevistado Douglas Nunes explica que é uma feira que acontece todos os anos e o evento é realizado sempre no centro da Praça e tem duração de 4 a 5 dias terminando sempre no sábado são expostos livros espíritas e em 2018 acontece a 29ª edição da feira.

Das transformações no entorno da Praça Félix Pacheco nota-se os tipos de construções. Antes se encontravam residências e pontos comerciais, já na década em estudo as residências quase não existiam mais e no calçadão havia os casarões que hoje resta muito pouco. E, em torno da praça o comércio fluente como a que vemos hoje. Como é descrito na fala do Douglas Nunes:

As transformações foram consideráveis, principalmente o desaparecimento dos casarões que ligavam o passado com o presente. Com a demolição dessas casas, desapareceu o aspecto de antiguidade, de história, como se ela não existisse. Percebo que as pessoas não dão a devida importância a isso, ou seja, o Conhecimento da nossa História. (NUNES, 2018).

Na década de 1990 o centro de Picos já era composto quase todo por pontos comerciais, pois devido à valorização dos imóveis principalmente ao entorno da Praça Félix Pacheco, as pessoas vendiam suas casas para morar em bairros mais afastados do centro. Podemos observar no relato da senhora Maria Luzinete da Silva Santos, “Nos anos 90 existia muitas construções comerciais no entorno da Praça, como relojoaria, barbearia, óticas, farmácias etc...”.

Através da imagem podemos observar algumas dessas transformações que ocorreram entre os anos 1970 aos anos 1990.



Figura 10: Praça Félix Pacheco, na década de 1970.
Fonte: Museu Ozildo Albano

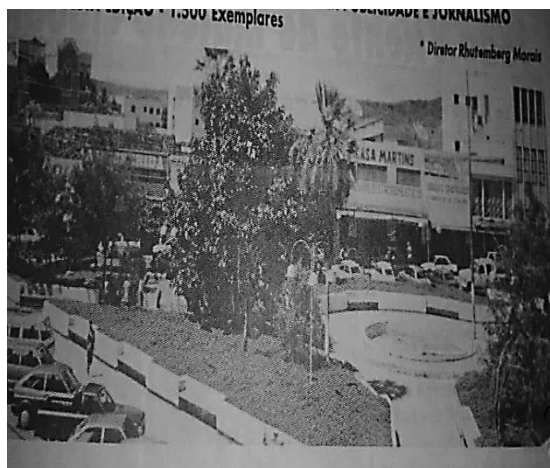


Figura 11: Praça Félix Pacheco, na década de 1990.
Fonte: Revista Informativo 1995.

A partir da observação feita sobre as imagens acima a Praça Felix Pacheco dos anos noventa se apresenta de maneira diferente da dos anos setenta, mudanças provocadas em nome do processo de urbanização. São evidentes os sinais de transformação estrutural, como a troca do abrigo pela fonte jorrante, levantamento dos canteiros, aumento significativo de lojas ao seu redor e a presença maciça de carros em seu entorno.

Na década de 1990 a cidade de Picos já havia passado por diversas mudanças socioeconômicas e culturais, o centro da cidade estava com o ar de mais urbano e a Praça Félix Pacheco havia sofrido transformações físicas e estruturais, mas continuava sendo um local de encontros para a população, pois como vimos muitos eventos da cidade ocorriam nesse espaço público ou em seu entorno. E mesmo com o passar dos anos e as mudanças de hábitos da população picoense, esse logradouro continuou sendo um local de sociabilidade e lazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como motivação o preenchimento de uma lacuna no período em estudo, pois foi detectado na pesquisa bibliográfica um déficit em materiais que retratem ou descrevam a Praça Félix Pacheco no período em estudo e como objetivo principal abordar a importância desse patrimônio público na memória das pessoas que frequentavam esse logradouro, na década de 1990.

Nosso estudo apontou o fato de que durante várias décadas a Praça Félix Pacheco foi um espaço simbólico para os cidadãos picoenses. Diversas transformações aconteceram nesse espaço público. Relatamos as mudanças de costumes dos seus frequentadores, suas memórias e práticas cotidianas durante a década de noventa. Percebemos que os acontecimentos que ocorreram na Praça Félix Pacheco, no período da década de 1990, ainda existem na memória das pessoas que a frequentavam nessa época.

Assim, embasado em pesquisas bibliográficas, fotografias e principalmente em entrevistas cedidas para o desenvolvimento deste trabalho, percebemos que apesar de diversas mudanças socioeconômicas e culturais esse jardim público continua sendo um local de sociabilidade e lazer no período em estudo. Mas com as transformações físicas sofridas na Praça Felix Pacheco e mudança de hábito, por parte da sociedade picoense na década de 1990, os nossos entrevistados consideram que foi durante esse contexto de grandes modificações, que o referido logradouro da cidade de Picos veio a ganhar aspectos urbanos de fato e perdendo o status de principal local de sociabilidade e lazer.

O nosso estudo possibilitou a compreensão de parte das transformações históricas ocorridas nessa área central de Picos, além disso, destacou a importância dessa região para a preservação da história e da memória picoense.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Ana Rita Sá; MESQUITA, Liana de Barros. **Espaços livres do Recife**. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

BESERRA, Maria dos Remédios. **Planejamento e Gestão Urbana: uma análise dos desafios da expansão urbana e da segregação socioespacial no município de Picos (PI)**. VII Jornada internacional Políticas Públicas, São Luís, 28 agosto 2015. 13.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 55

CONSTITUIÇÃO da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado, 1988.

CAMARGO, Haroldo Leitão. **Patrimônio Histórico E Cultural**. [S.l.]: Aleph, 2002.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar No/Do Mundo**. São Paulo: FFLCH, 1996.

_____. **Espaço-Tempo na Metrópole fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

CARVALHO, Mara Gonçalves de. **Picos: História, Desenvolvimento e Transformação Do**. Teresina: [S.N.], 2015.

CERTEAU, Michael de. **A Invenção Do Cotidiano 2: Morar, Cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CITIES, The. Conheça tudo sobre as cidades do Brasil. **The Cities**. Disponível em: <<https://www.thecities.com.br/Brasil/Piau%C3%AD/Picos/>>. Acesso em: 05 outubro 2018.

DIAS, Jailson. Picos: 127 Anos De Religiosidade, Comércio, Trabalho, Lutas E Dificuldades. **Folha Atual Notícia Com Qualidade**, 2017. Disponível em: <http://www.folhaatual.com.br/mobile/?page=shmt&ma_id=15407>. Acesso em: 10 abril 2018.

DIZERÓ, Joselle Davanço. **Praça No Interior Paulista: estudos de caso nas cidades de Ribeirão Preto e Monte Alto/SP**. CAMPINAS: [s.n.], 2006.

DUARTE, Renato. **Picos: Os Verdes Anos Cinquenta**. Recife: Gráf. Ed. Nordeste, 1995.

FREITAS, Sonia Maria de. **História Oral: Possibilidades e procedimentos**. 1º. ed. São Paulo: Humanitas, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 1ª Edição. Local: Centauro, 2006.

Da Ram Publicidade e Jornalismo. Picos 104 Anos E O Desenvolvimento? **Momento Informativo**, Picos, p. 30, Julho 1995.

JÚNIOR, José Coelho Viana. **Depoimento Concedido A Maria De Fátima De Moura Santana**. Picos: [s.n.], 2018.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Unicamp, 2003

LUZ, Edmar. Artigo A Praça Felix Pacheco. **Jornalista 292**, 2013. Disponível em: <http://www.jornalista292.com.br/noticia_detalhe.php?id=16630>. Acesso em: 02 maio 2018.

FAMÍLIA LUZ: Portal Genealógico. **Família Luz**: portal genealógico, 2018. Disponível em: <<http://www.familialuz.com.br/index.php>>. Acesso em: 23 Setembro 2018.

LUZ, Pedro Antônio da. **Depoimento Concedido A Maria De Fátima De Moura Santana**. Picos: [s.n.], 2018.

NORA, Pierre. “**Entre Memória e História**: a problemática dos lugares”, In: Projeto História. São Paulo: PUC, nº 10, PP. 07-28, dezembro de 1993.

NUNES, Douglas. **Depoimento Concedido A Maria De Fátima De Moura Santana**. Picos: [s.n.], 2018.

OLIVEIRA, Karla. Ingrid Pinheiro de. **A Geografia Dos Desejos**: Cidade, Lazer, Gênero E Sociabilidades Em Picos Na Década De 1960. Picos: [s.n.], 2011.

_____. **A Amélia Multifacetada**: As Representações Femininas Na Cidade De Picos Nos Anos De 1940-1960. Teresina: [s.n.], 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, Cidades sensíveis, Cidades imaginárias. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 27, n. 53 de Junho de 2007.

CÂMARA Municipal de Picos. **Atas Da Câmara Municipal De Picos**. Picos: [s.n.]. 1992. p. 40.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992, p. 200-212.

_____. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos históricos. Rio de Janeiro, v.2, n. 03, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alexandri. **A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significados nas memórias e nas fontes orais.** 2º. ed. Rio de Janeiro: Tempo, v. 1, 1996.

_____. **O que faz a história oral diferente.** In: Projeto História. São Paulo: Educ, v. 14, 1997.

_____. **Tentando aprender um poquinho:** Algumas reflexões sobre ética na História Oral. São Paulo: Projeto História, 1997.

RIBEIRO, José. Gonçalves. **Depoimento** concedido a Maria de Fátima de Moura Santana, Picos-PI, outubro 2017.

RIBEIRO, Priscila Moura. **Juventude E Lugares De Sociabilidade Na Cidade De Picos (Década De1980).** Picos: [s.n.], 2014.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade.** 6. reimp. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SANTOS, Elizabete Fernandes dos. **A Construção De Emoções E Usos Do Espaço Urbano No Universo Cotidiano Da Praça Padre Cícero.** [S.l.]: [s.n.].

SANTOS, Milton. **A Natureza Do Espaço Técnica E Tempo Razão E Emoção.** 2ª. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia de; SILVEIRA, Maria Laura. **Território Globalização E Fragmentação.** 4º. Ed. São Paulo: Hucitec-Anpur, 1996.

SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. **Praticando Espaços, entre acordes, letras e máscaras:** História, memória e sociabilidades em espaços culturais de Teresina nas décadas de 1980 e 1990. UFPE: Recife, 2016. 378p. (Tese de Doutorado em História)

SILVA, Gilson Edmar Gonçalves e. **Um Olhar No Cotidiano:** Cinco Anos De Crônica. Recife: EDUFPE, 2010.

SILVA, Karina Vanderlei; SILVA, Marciel Henriques. **Dicionário de Conceitos Históricos.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

VIERO, Verônica Crestani; FILHO, Luiz Carlos Barbosa. **Praças Públicas: Origem, Conceitos E Funções.** Santa Maria: [s.n.], 2009.

VIANA, Rita Maria de Sousa. **Depoimento Concedido A Maria De Fátima De Moura Santana.** Picos: [s.n.], 2017.

YOKOO, Sandra Carbonera. **O Papel Das Praças Públicas: Estudo De Caso Da Praça Raposo Tavares Na Cidade De Maringá**, p. 11, Outubro 2009. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/nupem/anais_iv_epct/PDF/ciencias_exatas/12_YOKOO_CHIES.pdf>.

APÊNDICE

Ficha do Entrevistado

Nome:
Nascimento:
Idade:
Profissão:
Local da Entrevista:
Data da Entrevista:

- 1- Biografia do entrevistado
- 2- Você frequentava a Praça Félix Pacheco nos anos 90?
- 3- Em que dia da semana a Praça era mais movimentada?
- 4- Que tipo de pessoas frequentava a Praça na nesse período?
 - 4.1- De onde eram essas pessoas?
- 5- O que essas pessoas faziam na Praça?
- 6- Nesse Período havia eventos na Praça? Quais?
- 7- Quais tipos de construções havia entorno da Praça?
- 8- Nos anos 90 havia segregação social na Praça Félix Pacheco?
- 9- Quais as transformações urbanas da Praça e do seu entorno nos anos 90?



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
 Monografia
() Artigo

Eu, Maria de Fátima de Moura Santana,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
PRAÇA FÉLIX PACHECO: Memória, Lazer e
Socialabilidade em Picos (década de 1990).
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 26 de dezembro de 2018.

Maria de Fátima de Moura Santana
Assinatura